
O narrar e o lembrar em “Um cinturão”, de Graciliano Ramos, e “As cartas deitadas”, de Teolinda Gersão

Narration and remembrance in “Um cinturão”, by Graciliano Ramos, and “As cartas deitadas”, by Teolinda Gersão

Suelio Geraldo Pereira

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

DOI

<https://doi.org/10.37508/rcl.2024.n52a1160>

RESUMO

Selecionamos como *corpus* desta pesquisa os contos “Um cinturão”, do escritor alagoano Graciliano Ramos, e “As cartas deitadas”, da conimbricense Teolinda Gersão, interpelando-os às noções de: narração e narrador; lembranças e memória. Para subsidiar a análise, recorreremos aos conceitos de memória, lembranças e reminiscências a partir dos textos de Candau (2016), Le Goff (1990), Pollak (1989; 1992) e Ricœur (2007); e, também, nas reflexões sobre a instância do narrador e a ação de narrar, a partir das produções de Genette (2017) e Benjamin (2012). Analisando os dois contos, com foco nas suas estruturas estético-narrativas, constatamos que, em ambos, as noções de narração e narrador, bem como as de lembranças e memória, estão presentes na tessitura textual, promovendo um processo de recuperação e de manipulação, isto é, de “iluminação” de alguns acontecimentos, lugares, pessoas e objetos relevantes aos sujeitos narrativos, como formadores da sua memorável existência.

PALAVRAS-CHAVE: Narrar; Lembrar; Memória; Graciliano Ramos; Teolinda Gersão.

ABSTRACT

For the present analysis, the corpus consists of two short-stories: “Um cinturão”, by Graciliano Ramos, and “As cartas deitadas”, by Teolinda Gersão. The objective is to confront the texts with the notions of narration and narrator, remembrances, and memory. The analysis is supported by the concepts of memory, remembrances, and reminiscence in light of Candau (2016), Le Goff (1990), Pollak (1989, 1992), and Ricœur (2007), and also by the reflections on the instance of the narrator, as well as the act of narrating, in view of Genette (2017) and Benjamin (2012). The analysis focuses on the aesthetic and narrative structures of the short-stories. Noticeably, both texts have shown that notions of narration and narrator, remembrances and memory are intertwined in their textual composition. So, both texts promote a process of recovery and manipulation: these texts illuminate and clarify some important events, places, people and objects for the subjects of the narratives, as an aspect that builds your memorable existence.

KEYWORDS: Narration; Remembrance; Memory; Graciliano Ramos; Teolinda Gersão.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, apresentaremos algumas considerações a respeito dos conceitos de “narração”, “narrador”, “lembranças” e “memória”, que perpassam os contos “Um cinturão”¹, do escritor alagoano Graciliano Ramos, e “As cartas deitadas”, da conimbricense Teolinda Gersão.

Inicialmente, a fim de analisarmos e compararmos os dois contos, relacionaremos algumas noções sobre memória, ponto de partida fundamental para compreendermos como algumas lembranças impregnam a consciência individual. Na sequência, abordaremos o

¹ “Um cinturão” integra o livro *Infância* (2012) como um dos seus capítulos. Porém, neste estudo, ele será denominado e analisado como um conto.

narrador e a narração de lembranças como pontos de análise nos contos de Ramos e Gersão.

Para isso, consideraremos, em ambos os contos, que os narradores em primeira pessoa – conforme descreve Vladimir Nabokov (2014) – vasculham a adolescência e “a infância (que é a coisa mais próxima do prazer de examinar a própria eternidade)”, vislumbrando “uma série de flashes espaçados, com os intervalos entre eles diminuindo aos poucos até se formarem claros blocos de percepção, fornecendo à memória um apoio escorregadio” (Nabokov, 2014, p. 20).

Ainda em relação ao narrador, vale destacar que ele é bastante semelhante nos dois contos. Isso, porque, essencialmente, ambas as histórias são contadas por narradores adultos a partir de um tempo-espaço presente, resgatando acontecimentos, lugares, objetos e personagens singulares, que tanto marcaram a subjetividade no passado quanto marcam presença na narração, conforme podemos observar em “Um cinturão” – “onde estava o cinturão? A pergunta repisada ficou-me na lembrança: parece que foi pregada a martelo” (Ramos, 2012, p. 35) –, comparando a passagem da obra com outro momento de “As cartas deitadas”: “é possível, como já disse, que saber ou não lhe seja indiferente – tudo isto se passou há muito tempo e não é remediável. Mas nada na vida é remediável, creio que ambos tivemos ocasião de aprender isso entretanto” (Gersão, 2002, p. 175).

Em um último momento da nossa pesquisa, demonstraremos que o narrar e o rememorar são atos de criação e de organização do passado, das lembranças, além de um “trabalho de reconstrução de si mesmo [...] e [das] suas relações com os outros” (Pollak, 1989, p. 13), isto é, um trabalho de construção do sujeito, na sua individualidade, que “ordena acontecimentos que balizaram [a sua] existência” (Pollak, 1989, p. 13). Para tanto, sobre as definições de memória, lembranças e reminiscência, apoiar-nos-emos nas visões de Candau (2016), Le Goff (1990), Pollak (1989; 1992) e Ricœur (2007). Já quanto à

narração e ao narrador, partiremos das percepções de Genette (2017) e Benjamin (2012).

A MEMÓRIA COMO CAPACIDADE PARA IMAGINAR E RECONSTRUIR LEMBRANÇAS

A memória é uma faculdade de quase todo indivíduo, exceto daqueles que possuem alguma doença – *pathos* – desestabilizadora da capacidade de “referir-se a uma persistência, a uma realidade de alguma forma intacta e contínua” (Rossi, 2010, p. 15).

O vocábulo memória – que, na Grécia Antiga, estava relacionada ao passado – advém do substantivo *mnéme*, que significa “memória” e está atrelado ao desejo de lembrar (*mnáomai*). Para os gregos, a importância de se lembrar era tanta, que o termo até ganhou ares de divindade, pois se referia à deusa *Mnemosine* ou *Mnemósine* – em grego: *Μνημοσύνη*, e em transliteração: *Mnemosýne* –, mãe das Músas, aquela que protege as artes, a história e serve de inspiração para os poetas.

Assim, de acordo com Aristóteles, a memória – que, como a imaginação, pertence à mesma parte da alma – “é uma coleção ou uma seleção de imagens, com o acréscimo de uma referência temporal” (Aristóteles *apud* Rossi, 2010, p. 15-16). Já para Jacques Le Goff (1990), a memória é uma propriedade, que conserva certas informações, e “remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (Le Goff, 1990, p. 424).

Integrada a esse contexto, em seus processos, a memória comporta um traço de “atualização”, que podemos denominar “reminiscência” (em grego: *μνήμη δε ανάμνησιν*). Isto é, uma “*anamnēsis* (...), a lembrança como objeto de uma busca geralmente denominada recordação, *recollection*” (Ricœur, 2007, p. 24). Ou, ainda, a “capacida-

de de recuperar algo que se possuía antes e que foi esquecido” (Rossi, 2010, p. 15) pelo indivíduo, seja consciente, seja inconscientemente.

Nesse sentido, acercando-nos dos argumentos de Joël Candau (2016), a memória não é apenas um arquivo ou uma coleção de “vivências”, que cada ser armazena fixa e imutavelmente. Ao contrário, é uma:

[...] reconstrução continuamente atualizada do passado, mais do que uma reconstituição fiel do mesmo: ‘a memória é de fato mais um enquadramento do que um conteúdo, um objetivo sempre alcançável, um conjunto de estratégias, um ‘estar aqui’ que vale menos pelo que é do que pelo que fazemos dele’. A ideia segundo a qual as experiências passadas seriam memorizadas, conservadas e recuperadas em toda sua integridade parece ‘insustentável’ (Candau, 2016, p. 9).

Tal perspectiva suscita uma pergunta: o que rememoramos? Ou melhor, o que reivindicamos à memória por meio das reminiscências? Pois, se o viver é um transcurso no tempo, em que cada estado muda – em razão do momento seguinte advir sobre o anterior, em uma passagem que transforma tudo em passado –, torna-se compreensível o fato de que algumas lembranças adquiriram certa importância frente às outras, fazendo “parte da própria essência da pessoa, muito embora outros tantos acontecimentos e fatos possam se modificarem (em) função dos interlocutores, ou em função do movimento da fala” (Pollak, 1992, p. 201). Logo, significa dizer que as lembranças adquirem relevância devido ao desejo ou à vontade de o narrador, no instante mesmo da enunciação, resgatá-las por meio das reminiscências.

Assim, uma vez que escavamos a memória por meio das reminiscências, evocamos aquilo que está, segundo Candau (2016), no campo do memorável, onde se encontram os conteúdos que oferecem uma

matéria ao pensamento, isto é, as lembranças de “acontecimentos, personagens e lugares, conhecidos direta ou indiretamente, (e que) podem obviamente dizer respeito a acontecimentos, personagens e lugares reais, empiricamente fundados em fatos concretos” (Pollak, 1992, p. 202). No entanto, o memorável – longe de ser simplesmente um passado registrado ou um conjunto em um repositório – é um “saber no presente”, que o sujeito opera por interpretações. O que nos faz retornar a Aristóteles e à sua visão, segundo a qual a memória faz parte do mesmo “lugar” da imaginação na alma humana (Aristóteles *apud* Rossi, 2010, p. 15).

Por sua vez, Paul Ricœur, no capítulo “Memória e imaginação”², aborda a questão de a memória – reduzida à rememoração – atuar no circuito da imaginação. Para o autor, segundo o viés de determinados filósofos, “parece, mesmo, que a volta da lembrança pode fazer-se somente no modo do tornar-se-imagem” (Ricœur, 2007, p. 26). Desse modo, as lembranças não são o “acontecimento” em si, que ficou no passado, mas uma imagem – *imago mundi* –, uma elaboração que se faz do passado; uma memória que lê a memória original oriunda da experiência (fato) *per si*.

Todavia, para não instaurarmos uma confusão entre os termos “lembranças” e “memória”, esclarecemos que as lembranças constituem a memória, mas não são a memória propriamente dita. No referido sentido, precisamos distinguir que, no campo da linguagem, a memória está no singular enquanto capacidade e efetuação. Já as lembranças estão no plural, ou seja, temos algumas lembranças, algumas imagens de acontecimentos passados. As lembranças, portanto, precipitam-se no limiar da memória manifestando-se:

² Cf.: Ricœur (2007).

[...] isoladamente, ou em cachos, *de acordo com relações complexas atinentes aos temas ou às circunstâncias*, ou em sequências mais ou menos *favoráveis à composição de uma narrativa*. Sob esse aspecto, as lembranças podem ser tratadas como formas discretas com margens mais ou menos precisas, que se destacam contra aquilo que poderíamos chamar de um *fundo memorial*, com o qual podemos nos deleitar em estados de devaneio vago (Ricœur, 2007, p. 41, grifo nosso).

Dessa forma, as lembranças precipitadas no limiar da memória, isoladamente ou em cachos, podem apresentar-se favoráveis a uma composição narrativa, como expôs Ricœur (2007), entendimento que precisamos ter em mente ao examinarmos os contos de Graciliano Ramos e Teolinda Gersão. Isso, porque há nessas narrativas uma sequência de lembranças sobre acontecimentos, personagens ou pessoas, objetos e lugares, que são ordenados e manipulados pelos narradores em acordo a um tema ou às circunstâncias do momento de reevocação.

Não podemos esquecer, também, que os processos mencionados ocorrem em narrações que são (re)criação, principalmente em razão da aptidão humana de colocar o passado a distância, num:

[...] distanciamento do passado que o permite reconstruir para fazer uma mistura complexa de história e ficção, de verdade factual e verdade estética. Essa reconstrução tende à elucidação e à representação de si (Candau, 2016, p. 71).

Dadas essas considerações iniciais, adentremos agora, propriamente, na análise sobre as lembranças narradas em “Um cinturão” e “As cartas deitadas”. Entretanto, é bom deixar claro que o conto de Graciliano Ramos foi objeto de variadas leituras e análises críticas. Muitos estudiosos até hoje já se debruçaram sobre o seu texto e destacaram diferentes características, a ver: a infância; a injustiça;

a forma narrativa; a violência etc. Todavia, neste estudo, queremos realçar o seu tom memorialístico: o das lembranças infantis que são recuperadas pelo narrador adulto por meio de um processo de reelaboração narrativa. Fato este que o relaciona diretamente com o conto de Teolinda Gersão, no qual também encontramos um sujeito adulto, que escreve/verbaliza alguns episódios da sua juventude como uma forma para compreendê-los.

NARRANDO LEMBRANÇAS EM “UM CINTURÃO” E EM “AS CARTAS DEITADAS”

O texto “Um cinturão”, escrito por Graciliano Ramos, foi publicado em jornais, revistas e suplementos literários, no Rio de Janeiro e em Lisboa, aproximadamente entre os anos de 1938 e 1944. Porém, somente em 1945, o autor organizou e publicou a obra *Infância*, impressa pela editora José Olympio. Obra essa com uma estrutura fechada, bem definida e com capítulos interdependentes: cada um funciona bem, tanto se lidos isoladamente como se lidos sequencialmente (tal qual se leria um romance).

De maneira concisa, a história de “Um cinturão” é o esforço de um narrador-adulto para evocar as lembranças de uma surra, desferida por seu pai com um cinturão, quando esse narrador-adulto ainda era criança. Nas palavras irônicas do narrador, a ocorrência “foi (...) o primeiro contacto que tive com a justiça” (Ramos, 2012, p. 37). Isso, porque a surra com o cinturão não apenas marcou o corpo de criança, mas também a memória, embora à época, quando menino, ele não soubesse que tinha sido réu e que a ocorrência tinha sido um julgamento.

De acordo com Antonio Candido (2006, p. 87), o episódio do cinturão, “já famoso na literatura brasileira, que lhe ocasionou o castigo injusto, simboliza as raízes do seu trato com a norma social”. O referido conto também é um dos mais lembrados em *Infância*, porque traduz de modo mais evidente o terreno fértil no qual o au-

tor estreitou pontes entre o autobiográfico e o ficcional, conferindo a “Um cinturão” o fato de, a partir dele, ter sido gerada uma ampla fortuna crítica; pois, ao resgatar as lembranças do castigo imerecido, recebido na infância, o narrador:

[...] parece colocar em ordem e tornar coerente os acontecimentos de sua vida que julga significativos no momento mesmo da narrativa; restituições, ajustes, invenções, modificações, simplificações, ‘sublimações’, esquematizações, esquecimentos, censuras, resistências, não ditos, recusas, ‘vida sonhada’, ancoragens, interpretações e reinterpretações constituem a trama desse ato de memória que é sempre uma excelente ilustração das estratégias identitárias que operam em toda narrativa (Candau, 2016, p. 71).

Ordenar, tornar coerentes as lembranças da vida que julga significativas e descrevê-las é o que também realiza o narrador de “As cartas deitadas”, escrita por Teolinda Gersão. Na narrativa dessa autora, as memórias são feitas em uma carta dirigida ao filho dos ex-paiões da mãe dele (do narrador), o “Caro Senhor”.

Basicamente, o enredo de “As cartas deitadas” circunscreve as reminiscências de um adulto sobre acontecimentos, lugares, objetos e personagens da adolescência. Tais lembranças são recuperadas e expressas em uma carta, que não tem a pretensão de ser uma confissão ou uma busca pelo perdão, mas um meio para expor a verdade³: “de qualquer modo, acho que a verdade é superior à ignorância ou à men-

³ Porém, devemos desconfiar desta afirmação do narrador, pois, como dizem, um bom leitor é aquele que desconfia de tudo que lê, que sempre “levanta a cabeça” e interroga, ou melhor, que faz uma leitura que é “ao mesmo tempo irrespeitosa, pois que corta o texto, e apaixonada, pois que a ele volta e dele se nutre” (Barthes, 1988, p. 40).

tira, e que o senhor tem direito à verdade, sobretudo no que lhe diz respeito” (Gersão, 2002, p. 175).

É interessante notar, nos dois contos, como os narradores – no instante presente dos atos de narrar e de escrever – apropriam-se de significativas lembranças, trazendo-as à tona em histórias, que não se fiam tão somente em:

[...] transmitir o ‘puro em si’ da coisa narrada, como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim, imprime-se na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso (Benjamin, 2012, p. 221).

Analogamente às reflexões de Walter Benjamin, podemos afirmar, então, que, nos contos de Graciliano Ramos e Teolinda Gersão, vislumbramos um “narrador artesão”, que trabalha a argila da memória. Processo esse que modela as lembranças, tecendo tentativas para “pronunciá-las”, haja vista que os narradores jogam com a distância e com a perspectiva, podendo:

[...] fornecer ao leitor mais ou menos detalhes, e de forma mais ou menos direta e parecer assim [...] se situar numa maior ou menor *distância* daquilo que se narra; [...] (ele) pode também escolher regular a informação que dá, [...] parecendo então tomar em relação à história [...] tal ou qual *perspectiva* (Genette, 2017, p. 233, grifo autor).

Outro ponto a destacar é que, como nos dois textos aqui examinados os narradores estão em primeira pessoa, a aproximação com os fatos narrados torna-se ainda maior, principalmente, porque “o narrador transmite uma vivência” pessoal, focando a “ação de dentro dela” (Santiago, 2002, p. 44).

A fim de ilustrar um exemplo, em “Um cinturão” – devido ao fato de o narrador enunciar suas lembranças em primeira pessoa –, podemos afirmar que há a “eliminação de todas as ideias ou situações intermédias, de todos os recheios ou frases de transição” (Cortázar, 2006, p. 157). Isso, porque predominam referências como: “as *minhas* primeiras relações com a justiça”; “*eu* devia ter quatro ou cinco anos”; “*batiam-me* porque podiam bater-*me*”; “*meu* pai dormia na rede armada”; “*tentei* ansiosamente fixar-*me* nessa esperança frágil”; “situações deste gênero constituíram as maiores torturas da *minha* infância, e as consequências delas *me* acompanharam”; “a horrível sensação de que *me* furam os tímpanos com pontas de ferro”; “*achava-me* num deserto”; “*agora* esvaziava os pulmões, movia-*me*, num desespero”; “*tive* a impressão de que ia falar-*me*”; “e ali *permaneci*, miúdo, insignificante, tão insignificante e miúdo como as aranhas que trabalhavam na telha negra” (Ramos, 2012, p. 33-37, grifo nosso).

Os trechos desse capítulo de *Infância*, por ora mencionados, oferecem ao leitor a amostra de um jogo entre o tempo narrado (no período em que o narrador era menino e experiencia o fato que, depois, viria tornar-se lembrança) e o instante mesmo da narração (quando o narrador, já adulto, utiliza-se recorrentemente do uso de pronomes, a fim de atestar a sua participação nos fatos por ele lembrados).

De modo similar, em “As cartas deitadas”, também há o projetar das lembranças, que parte do atual narrador-adulto em busca do seu eu juvenil, para resgatar o que está sendo narrado. Percebemos isso nos trechos: “*escrevo* estas duas palavras e recordo-*me*”; “cedo *me* acostumei a esse facto”; “esses comboios fizeram parte da *minha* infância”; “*eu* também *achava* que vocês não eram felizes, e muitas vezes *me* *perguntava* porquê”; “*eu* tinha ido dois ou três dias antes, de comboio”; “[...] era o *meu* último Verão em São Martinho”; “lembro-*me* da sua aflição, nessa altura, por não poder

sair de casa”; “*eu não podia ler aquela carta*”; “[...] a *minha* decisão estava tomada”; “*rasguei a carta em vários pedaços [...], e deitei-a num recipiente de papéis*”; “*eu não estava às ordens de ninguém*”; “e agora que lho disse, *não tenho* mais nada a ver consigo” (Gersão, 2002, p. 161-176, grifo nosso).

Se refletirmos sobre os trechos transcritos, observamos o predomínio explícito do pronome “eu” – que opera na regulação da distância – como uma maneira de expressar “a segurança do eu e da identidade, com a experiência do domínio da realidade” (Pollak, 1992, p. 214). Desse modo, teríamos aí, então, o “estilo cronológico”.

Segundo Michael Pollak, existem três estilos que um indivíduo pode empregar para relatar as suas lembranças e estes são: o factual, o temático e o cronológico. Este último seria o “pensar em si próprio em termos de duração, de continuidade, e situar-se em termos de início e fim” (Pollak, 1992, p. 213). Em outras palavras, o pensar em si próprio segue uma duração, uma continuidade nas lembranças, em um arranjo cronológico que as interliga, prolongando as reminiscências. Além disso, o estilo de relato, que segue uma cronologia, é “fortemente correlacionado com a presença de uma socialização política” (Pollak, 1992, p. 213), presença essa que percebemos no narrador de “As cartas deitadas”.

Se atentarmos agora para os acontecimentos, que, como descreve Michael Pollak (1992), são um dos elementos constitutivos da memória, teremos, em “As cartas deitadas”, um narrador que lembra, essencialmente, os momentos do:

[...] último Verão em São Martinho, porque a sua mãe tinha falado com a minha. Eu ia fazer catorze anos em Novembro, e, no Verão seguinte, estaria na altura de começar a ter férias diferentes, com mais independência (Gersão, 2002, p. 168).

Somado a isso, o narrador lembra, também, da ocasião em que Filomena “deita” cartas, para “atravessar o destino”, e do episódio em que recebe a ordem de entregar a carta para Helene, mas não a entrega: “então, quando eu ia casualmente a passar no corredor, a porta do seu quarto entreabriu-se e o senhor disse-me, o mais baixo que pôde: vai levar esta carta a Helene. Fechou a porta, sem me dar tempo a responder-lhe” (Gersão, 2002, p. 172).

Já em “Um cinturão”, a lembrança circunscreve, principalmente, o acontecimento da agressão que o narrador-menino recebe por meio do pai, que lhe desfere uma surra, usando um cinturão. Porém, isso não impede que os flashes luminosos da rememoração resvalém para: “certa vez minha mãe surrou-me com uma corda nodosa que me pintou as costas de manchas sangrentas” (Ramos, 2012, p. 33).

De acordo com Pollak (1992) e, também, segundo Joël Candau (2016), objetos e lugares são, igualmente, elementos que corporificam a memória como lembranças que formam e marcam o indivíduo. Quanto aos objetos, percebemos a presença de alguns que são carregados de significados nos dois contos.

No texto de Graciliano Ramos (2012), temos o cinturão, o “infame objeto” buscado pelo pai que lhe gritava, ordenando: “onde estava o cinturão? A pergunta repisada ficou-me na lembrança: parece que foi pregada a martelo” (Ramos, 2012, p. 35). Por outro lado, no conto de Teolinda Gersão, o objeto marcante é a carta, ou melhor, as cartas que, no texto, surgem de diversas formas: é a carta que o narrador não entrega a Helene, “rasguei a carta em vários pedaços, de modo a que ninguém pudesse lê-la, e deitei-a num recipiente de papéis” (Gersão, 2002, p. 173); são as cartas de tarô, que tia Filomena deita para “saber o futuro”; e, enfim, a carta que o próprio narrador escreveu ao “Caro Senhor”, para encerrar o “ponto em comum”, que os mantinha ligados. Aliás, é também por meio da estrutura aparente de uma carta que o leitor lê o conto de Teolinda Gersão.

No que diz respeito à perspectiva do lugar, enquanto elemento que também concretiza a memória resgatada, nas palavras de Candau (2016), ele funciona como um “lugar-refúgio privilegiado para a lembrança. (...) um espaço de isolamento entre si e os outros, como um primeiro envelope que informa alguma coisa de sua identidade” (Candau, 2016, p. 158).

Em “Um cinturão”, por exemplo, a sala em que acontece a cena, na qual o pai surra o narrador-menino, funciona como um espaço-símbolo de memória, na medida em que o narrador “nos vai aproximando lentamente do que conta” (Cortázar, 2006, p. 158), prendendo o leitor em um ritmo ora tenso, ora embotado em que tudo transcorre na lentidão dos gerúndios. Constatamos tais aspectos, como no trecho a seguir, em que o narrador-menino referencia a sala como sendo:

[...] enorme. Tudo é nebuloso. Paredes *extraordinariamente* afastadas, rede *infinita*, os armadores *longe*, e meu pai acordando, levantando-se de mau humor, batendo com os chinelos no chão, a cara enferrujada. Naturalmente não me lembro da ferrugem, das rugas, da voz áspera, do tempo que ele consumiu rosnando uma exigência (Ramos, 2012, p. 34, grifo nosso).

Notamos que, na atmosfera criada e descrita, é “como se a memória do narrador, à medida que os fatos se aproximam, se tornasse ao mesmo tempo mais seletiva e mais monstruosamente amplificadora” (Genette, 2017, p. 159), tornando evidente um presságio de que algo inevitável estava prestes a acontecer: a surra. Desse modo, diante de uma recordação doída, oriunda de uma injustiça sofrida, a sensibilidade do narrador avoluma a brutalidade, o acontecimento e o espaço. Nesse sentido, a “desnorteante injustiça com que trava conhecimento certo dia, por causa do cinturão paterno” (Candido,

2006, p. 72), é o centro a partir do qual parte todo o senso de (in)justiça do narrador-adulto.

Já em “As cartas deitadas”, o lugar de memória é predominantemente a casa de verão em São Martinho, com os ambientes do entorno:

queria assegurar-me de que tudo lá estava, e de que o ano que passara não tinha trazido alterações à rua dos cafés e do casino, às salas escuras onde jogávamos bilhar e matraquilhos, às esplanadas com guarda-sóis, ao café de tábuas da praia (Gersão, 2002, p. 167).

Assim, esse espaço físico – composto pela rua dos cafés e do casino; pelas salas escuras de jogos de bilhar e matraquilhos; pelas esplanadas com guarda-sóis; pelo café de tábua de praias – era um “mundo” outro no qual o narrador se sentia livre, dono do sol, do mar, do vento, da praia. Espaço tão importante para o narrador, que a simples possibilidade de não poder revisitá-lo perturba-o ao ponto de não entregar a carta a Helene, como uma vingança justificada, conforme ele próprio declara:

afinal era o meu último Verão em São Martinho, e eu tinha de morder a mão que me fechava essa porta, tinha de vingar-me, por uma vez, de todas as afrontas – do meu lugar subalterno, da minha exclusão no vosso grupo (Gersão, 2002, p. 174).

Além de objetos, lugares e acontecimentos, tanto em “Um cinturão” quanto em “As cartas deitadas”, os autores incorporam às lembranças pessoais dos seus narradores alguns personagens importantes nas trajetórias de cada protagonista, como poderemos entrever, a seguir, nas rememorações expostas pelos dois contos.

No texto de Teolinda Gersão, emergem as figuras da mãe do narrador, os padrões e os filhos deles, sendo o mais relevante aquele a

quem o narrador endereça a carta, o “Caro Senhor”. Ganham ainda destaque: Helene, tia Filomena, entre outros nominados e não nominados, que aparecem ao longo do conto. De modo similar, Graciliano Ramos também faz uso de personagens que ancoram as lembranças do seu narrador-menino, sendo, além de “minha mãe, José Baía, Amaro, sinhá Leopoldina, o moleque e os cachorros da fazenda” (Ramos, 2012, p. 36), o seu pai o principal deles.

NARRAR E LEMBRAR (REMEMORAR): ATOS DE CRIAÇÃO

Se o narrador é aquele “que poderia deixar a luz tênue de sua narração consumir completamente a mecha de sua vida” (Benjamin, 2012, p. 240), ele é, igualmente, aquele que apenas permitiria tal luminosidade se houver antes um trabalho estético, um burilar naquilo que irá expor. Portanto, narrar e lembrar (rememorar) se equivalem no processo de criação e estilização da matéria-prima, pois:

[...] o fato de contar uma história não é apenas uma simples repetição, mas um real ato de criação: ‘é o processo de criação mesmo da história que cria a estrutura mnemônica que conterá a essência dessa história para o resto de nossa vida. Falar é recordar’. Essa reconstrução é tributária, por sua vez, da natureza do acontecimento memorizado, do contexto passado desse acontecimento e também daquele momento da recordação (Candau, 2016, p. 71, grifo nosso).

Nesse sentido, observamos essa “reconstrução tributária” de uma criação narrativa nos dois contos aqui estudados. Em “Um cinturão”, por exemplo, o esforço empregado pelo narrador – para além da maneira “simpática”⁴ de narrar – deve-se ao fato de ele tentar lembrar o que realmente aconteceu:

⁴ Para Antonio Candido (2006), em *Infância*, o esqueleto biográfico “quase se desfaz, dissolvido pela maneira de narrar, *simpática* e não objetiva, restando

não consigo reproduzir toda a cena. Juntando vagas lembranças dela a fatos que se deram depois, imagino os berros de meu pai, a zanga terrível, a minha tremura infeliz (...). O assombro gelava-me o sangue, escancarava-me os olhos (Ramos, 2012, p. 35, grifo nosso).

Deparamo-nos, desse modo, com a influência da memória, que cria lacunas e nebulosidades na rememoração; ou, parafraseando Nabokov (2014), a *Mnemosine*⁵ é uma “garota” muito descuidada, que pode ser “seletiva e ranzinza”. Nesse sentido, a incapacidade da memória de resgatar completamente as lembranças é sanada pela imaginação, que engendra sensações e ações ao narrador, pois “frequentemente ele não consegue pôr-se em contato com a vida sem recriá-la” (Candido, 2006, p. 70).

Assim, ao preencher lacunas na memória por meio da imaginação, visando expressar-se, o narrador marca presença “como fonte, fiador e organizador da narrativa, como analista e comentador, como estilista (como ‘escritor’, segundo o vocabulário de Marcel Muller) e [...] como produtor de ‘metáforas’” (Genette, 2017, p. 238-239).

Em “Um cinturão”, o estilo e o uso das metáforas são marcas recorrentes de Graciliano Ramos. Na passagem que ilustra o momento da surra, por exemplo, o narrador-adulto recorre à elaboração linguística, criando figuras e imagens, a fim de retratar as sanções e a consciência naquele instante em que “a folha de couro” estava prestes a fustigar as costas da sua versão menino:

achava-me num deserto. A casa escura, triste; as pessoas tristes. Penso com horror nesse ermo, recordo-me de cemitérios e de ruí-

apenas uns pontos de ossificação para nos chamar à realidade” (Candido, 2006, p. 70).

⁵ Deusa ou titânide que personifica a memória na mitologia grega.

nas mal-assombradas. Cerravam-se as portas e as janelas, do teto negro pendiam teias de aranha (Ramos, 2012, p. 36, grifo nosso).

Já os processos de organizar, analisar e comentar as lembranças em permeio à realização de um estilo, criando a narrativa, são notórios no conto de Gersão (2002). Em “As cartas deitadas”, o trânsito promovido pelo narrador-adulto – pois é ele quem escreve a carta-conto em meio a acontecimentos, tempos e personagens da infância, adolescência, entremeando lugares, épocas e momentos vários – comprova que os fenômenos da memória, tanto em aspectos biológicos quanto nos psicológicos, não são mais do que resultados de sistemas dinâmicos de manipulação e de (re)criação.

Observamos, desse modo, que, na medida em que uma narrativa – ancorada pela imaginação – reconstitui, maneja e se apropria da memória de um sujeito, ela imputa uma marca significativa de identidade pessoal na trama que constrói. Como demonstra os trechos abaixo destacados de “As cartas deitadas”:

interrogava-me, assim, se haveria dois mundos, dois códigos, dois conceitos de certo e de errado, de bem e de mal, de acordo com quem os praticava, e parecia-me encontrar sempre uma resposta afirmativa. Como se fôssemos comboios, correndo sobre carris diferentes. Senti isso, algumas vezes, sem palavras, quando brincava convosco com os comboios elétricos, oferecidos num Natal pelo vosso tio Leopoldo. Esses comboios também fizeram parte da minha infância. Sabia onde estavam arrumados, [...]. Sabia armá-los tão bem como vocês, e não menos depressa. Mas não escolhia o dia nem a hora de brincar com eles, eram sempre vocês que decidiam. [...] Vocês eram os donos, acabei por entender. Ou, provavelmente, era o que a minha mãe dizia. Os donos da casa onde ela trabalhava (Gersão, 2002, p. 162-163, grifo nosso).

No entanto esse ano ia ser diferente: *era o meu último Verão em São Martinho, porque a sua mãe tinha falado com a minha*. Eu ia fazer catorze anos em Novembro, e, no Verão seguinte, estaria na altura de começar a ter férias diferentes, com mais independência, disse a sua mãe. Talvez uma colônia de férias da Mocidade Portuguesa, o se-nhor ia recomendar-me, seria ótimo para mim, e já *um treino antecipado para a vida militar, pois esse era o melhor dos futuros para quem não tinha outros recursos*, o se-nhor poderia também recomendar-me, quando chegasse a altura. A minha mãe ouvia sem comentários, pronta a aceitar esses argumentos como a voz da razão e da sabedoria.

Seria eu a perceber, e não ela, que *o meu tempo convosco acabara*. Até aí, *visto de fora, eu podia ainda quase pertencer ao grupo*. (Gersão, 2002, p. 168, grifo nosso).

Portanto, os atos de narrar e de lembrar, tanto no texto de Graciliano Ramos quanto no de Teolinda Gersão, são “efeitos de iluminação’ narrativos”, em que “o locutor ilumina episódios particulares de sua vida, deixando outros na sombra” (Candau, 2016, p. 76). Em outras palavras, são a ordenação e a manipulação do passado, pois o resgate das lembranças se dá no momento e em acordo com o presente do narrador, por um trabalho estético de criação narrativa, ou mediante uma focalização, que “se define em relação à sua informação presente de narrador” (Genette, 2017, p. 274).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um processo de recuperação e de manejo das lembranças, no qual a memória traz à tona acontecimentos, lugares, pessoas e objetos, os contos “As cartas deitadas” e “Um cinturão” apresentam uma estrutura narrativa parecida, que expõem fragmentos, parce-

las ímpares da infância e da adolescência dos narradores adultos de cada história.

Por meio de uma “narração simpática” e irônica, o narrador de Graciliano Ramos retoma, em “Um cinturão”, a experiência da infância, quando recebe uma surra de cinturão. Suplício esse que, “por muito prolongado que tenha sido, não [se] igualava a mortificação da fase preparatória: o olho duro a magnetizar-me, os gestos ameaçadores, a voz rouca a mastigar uma interrogação incompreensível” (Ramos, 2012, p. 36-37).

Como bem observa Antonio Candido, a narração de Graciliano Ramos é repleta de um “sentimento de humilhação e machucamento. Humilhação de menino fraco e tímido, maltratado pelos pais e extremamente sensível aos maus-tratos sofridos e presenciados” (Candido, 2006, p. 71), ao ponto de a experiência e as lembranças, originadas a partir do fato, terem se tornado cicatrizes permanentes na identidade.

Por outro lado, Teolinda Gersão, ao incorporar um narrador masculino em primeira pessoa, confessa a sua força para criar e narrar histórias, elaborando “ficções que se constroem por entre labirintos, escombros e ruínas, a fim de conceder um novo sentido ao que se vê e ao que se narra” (Santos, 2012, p. 199). Desse modo, no passeio pelas lembranças do narrador de “As cartas deitadas”, a autora retrata as características de um tempo, de um espaço e de uma sociedade referente a Portugal.

Portanto, ambas as narrativas de memória aqui analisadas colocam “em evidência essa aptidão especificamente humana que consiste em dominar o [...] passado para inventariar não o vivido [...], mas o que fica do vivido” (Candau, 2016, p. 71), ou, ainda, aquilo que se imagina ter vivido.

Assim, com extrema maestria, ao “dominarem” o passado – por meio de lembranças capturadas sob o esteio da imaginação, da criação e da recriação da memória –, Teolinda Gersão e Graciliano Ramos construíram narrações, nas quais o “padrão diamantino da arte e os músculos da memória sinuosa se combinam num movimento forte e flexível” (Nabokov, 2014, p. 244) de estilos singulares, belos e indiscutivelmente atemporais.

RECEBIDO: 26/08/2023

APROVADO: 25/11/2023

REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2012. p. 213-240.
- CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2016.
- CANDIDO, Antonio. *Ficção e confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.
- CORTÁZAR, Julio. Alguns aspectos do conto. In: CORTÁZAR, Julio. *Valise de Cronópio*. São Paulo: Perspectiva, 2006. p. 147-163.
- GENETTE, Gérard. *Figuras III*. São Paulo: Estação Liberdade, 2017.
- GERSÃO, Teolinda. As cartas deitadas. In: GERSÃO, Teolinda. *Histórias de ver e andar*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002. p. 159-176.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1990.
- NABOKOV, Vladimir Vladimirovich. *Fala, memória: uma autobiografia revisitada*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941>. Acesso em: 07 jan. 2022.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278>. Acesso em: 1 jan. 2022.

RAMOS, Graciliano. Um cinturão. *In*: RAMOS, Graciliano. *Infância*. Rio de Janeiro: Record, 2012. p. 33-37.

RICŒUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: UNICAMP, 2007.

ROSSI, Paolo. *O passado, a memória, o esquecimento: seis ensaios da história das ideias*. São Paulo: UNESP, 2010.

SANTIAGO, Silvano. O narrador pós-moderno. *In*: SANTIAGO, Silvano. *Nas malhas da letra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 44-60.

SANTOS, Jane Rodrigues dos. *Histórias de ver e narrar: um estudo comparado da obra de Teolinda Gersão*. 2012. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/7771>. Acesso em: 28 dez. 2021.

MINICURRÍCULO

SUELIO GERALDO PEREIRA é Doutorando em Letras (Literaturas de Língua Portuguesa) pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas), com bolsa FAPEMIG. Mestre em Letras (Literaturas de Língua Portuguesa) pela mesma instituição de ensino, com bolsa CAPES nível II. É membro do grupo de estudos Bakhtin e a Literatura, coordenado pela professora Doutora Vera Lopes da Silva (PUC Minas), e um dos organizadores da coletânea de escritos acadêmicos *No entorno da literatura: reflexões acadêmicas* (2022), publicado pela Editora Fi. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5539-1446>.